



# A RELAÇÃO SUL-SUL EM PERSPECTIVA COMPARADA: UM ESTUDO DA NARRATIVA NOS ROMANCES *NOVE NOITES* E *OS PAPÉIS DO INGLÊS*

*Juliana Campos Alvernaz*

*Orientadora: Anita Martins Rodrigues de Moraes*

*Mestranda*

RESUMO: A presente comunicação visa analisar a obra *Os papéis do inglês* (2000) – primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero*, composta também por *As paisagens propícias* (2005) e *A terceira metade* (2009) – do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941 – 2010), em comparação com o romance *Nove noites* (2002), do brasileiro Bernardo Carvalho (1960). A partir dos pressupostos teóricos dos estudos de literatura comparada os quais instauram pontos de contato com a geopolítica do saber e da cultura, apresentada no estudo de Alfredo Cesar Melo (2013), será investigado de que forma as duas obras escolhidas, comparativamente, apresentam aspectos narrativos convergentes para refletir sobre a relação sul-sul – sul da África e sul da América. Tal relação será pensada no âmbito do romance, entendendo-o como um gênero atravessado, e da situação de escrita. Dessa forma, será dado destaque ao processo de composição narrativa em ambas as obras, bem como os efeitos de realidade os quais desembocariam na autoficção. Por meio dos narradores, será refletido, também, o caráter metaficcional das duas obras, visto que as narrativas estão permeadas de encenações da própria escrita.

PALAVRAS-CHAVE: romance, autoficção, relação sul-sul, Ruy Duarte de Carvalho, Bernardo Carvalho.

## Introdução

*“Venho de um sul  
Medido claramente  
Em transparência de água fresca de amanhã.”*

(*Venho de um sul. In: A decisão da idade, 1976*).

Pelo primeiro verso do poema do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941 – 2010), vemos um sentimento de pertencimento ao sul do sujeito poético. Esse pertencimento permeia, de certa forma, a arte poética e em prosa do escritor angolano, visto que há recorrência de elementos do contexto geográfico e sócio-histórico do sul de Angola. Pensando nesses aspectos em diálogo com o espaço geográfico, surge aqui o interesse de refletir sobre possíveis encontros literários da obra duartiana, que fala do e para esse sul às margens, com o escritor brasileiro Bernardo Carvalho (1960). O diálogo América Latina/África na literatura não é, nem deveria ser, inédito. O próprio Ruy Duarte de Carvalho já se debruçou sobre a aproximação de países lusófonos do hemisfério sul, mais especificamente Brasil e Angola. Como podemos visualizar nitidamente no trecho abaixo, retirado do livro *Desmedida* (2006), que, aliás, trata-se de um relato de viagem no qual o autor-narrador percorre as margens do rio São Francisco, no Brasil. Nesta passagem, a aproximação das nações se dá por meio da condição similar de passado colonial.

Existimos todos [brasileiros e angolanos], hoje, na decorrência de uma colonização que foi dando sumiço àqueles que da maneira como viviam não tinham maneira de resistir, servimo-nos da mesma língua oficial, invocamos lusofonias de hoje que já foram lusotropicalismos antes, somos todos do hemisfério sul, com a cor geopolítica comum que isso comporta, e temos negócios correntes, estamos vivendo tempos comuns e tempos diversos do mesmo processo universal, global. Nós estamos é juntos, Paulino, no vaivém das balsas, atlânticas até (CARVALHO, 2010, p. 251-252).

Se pararmos para analisar as comparações literárias dos críticos mais estudados<sup>102</sup>, percebemos que há uma evidente predominância da bipolaridade América - Latina x Europa. Melo (2013) nos auxilia ao apresentar as críticas literárias de autores como Antonio Candido, Roberto Schwarz e Silviano Santiago<sup>103</sup>, os quais partem da análise da forma literária brasileira em comparação com os paradigmas europeus. Sabemos que tal comparação tem relevância muito grande para os estudos literários, no entanto, na esteira de Alfredo Cesar

---

<sup>102</sup> Cesar Melo (2013) delimita autores da segunda metade do século XX.

<sup>103</sup> As obras desses autores, analisadas por Cesar de Melo, são: *Literatura e sociedade* (1965) de Antonio Candido, *Ao vencedor as batatas* (1977) de Roberto Schwarz e *Uma literatura nos trópicos* (1978) de Silviano Santiago.

Melo, sugerimos que a construção e o percurso do conhecimento literário não seja feito somente do centro para a periferia, mas que haja um desvio desse paradigma tradicional, tendo um olhar das margens pelas margens. Nas palavras do autor, “pensar mais seriamente a ideia de inserção do mundo, levando em conta outras possíveis relações do Brasil com outras culturas que não aquelas centrais” (Melo, 2013, p. 12).

Voltando a reflexão sobre as comparações sul-sul, Alfredo Cesar Melo propõe duas molduras. A primeira incide na moldura da coaparição, a qual enxerga pontos convergentes entre as culturas do sul que não possuem contatos culturais. Já a segunda moldura propõe que repensemos o que o Brasil reflete sobre si mesmo. Além disso, essa moldura pondera sobre a migração de nossas obras para outros espaços, como ocorreu com a leitura de Gilberto Freyre pelos Cabo-verdianos. A moldura que será abordada no presente artigo é a segunda, chamada de interidentitária, a qual a literatura brasileira se apresenta como referência para alguns países africanos lusófonos. No entanto, pensaremos aqui na subversão dessa moldura para refletirmos, assim, o efeito de referência inverso, isto é, apreender o processo de migração de obras dos países africanos lusófonos para o Brasil.

O autor faz uma pertinente crítica ao pensamento binário, recorrente nas análises literárias o qual considera apenas as relações Brasil X Europa; periferia X centro ou ex-colônia X ex-metrópole. Entretanto, sua análise tem como ponto de partida o Brasil em relação aos outros países lusófonos. Consideramos que a análise inversa também precisa de destaque. Para exemplificação dessa que seria uma espécie de “submoldura interidentitária”, será analisado aqui duas obras do sul – sul do Brasil e sul de Angola – , em que o romance angolano tenha evidente influência no romance brasileiro. Além de ter aspectos bastante similares entre *Os papéis do Inglês* (2000), de Ruy Duarte de Carvalho e *Nove Noites* (2002), de Bernardo Carvalho, o autor brasileiro escreveu uma resenha sobre *Os papéis do inglês* intitulada “Ficção hesitante” (2001), na qual elenca algumas características do romance de Ruy Duarte de Carvalho. Dois anos depois, em 2002, Bernardo Carvalho lança o romance *Nove noites* com a presença de muitas características abordadas na resenha<sup>104</sup>.

---

<sup>104</sup> Moraes (2012a) faz um pertinente estudo da resenha de Bernardo Carvalho, mostrando com abundância de exemplos como ocorrem as estratégias levantadas por Carvalho – escrita com destinatário, presença de texto

### Dos encontros literários

No romance *Os papéis do inglês* o narrador-personagem, que se reconhece como o próprio Ruy Duarte de Carvalho – “Vou ter que *contar-te*, tratar-me, pois, enquanto personagem dessa estória” (Carvalho, 2007, p. 36) –, faz uma viagem em busca de uns papéis que poderiam ter a explicação para o surto de um caçador de elefantes chamado Perkins, ocorrido em 1923 na beira do rio Kwando em Angola, em que ele mata tudo ao redor e a si mesmo. O autor parte da crônica de Henrique Galvão “O branco que odiava as brancas” (1929), a qual relata, de maneira sucinta, a ira do Sr. Perkins e a justificava pelo ódio que o protagonista possuía pelas brancas. Segundo o narrador de *Os papéis de inglês*, a estória de Henrique Galvão possuiria carência de detalhes, por isso ele acrescenta elementos ficcionais à crônica. O autor cria, assim, uma nova “roupagem” para o Sr. Perkins, o qual, na sua trama, chama-se Archibald Perkins, e o identifica como antropólogo londrino antes de se tornar caçador de elefantes. Dessa maneira, o romance apresenta dois planos narrativos: o primeiro consiste nos relatos de viagem do narrador-personagem à procura dos papéis do inglês e o desencadeamento da criação da estória do Perkins; já o segundo plano seria esta estória, ou seja, da trama do inglês. Além dos planos, podemos visualizar três temporalidades diferentes diluídas na narrativa: o tempo da viagem do narrador, aproximadamente um ano; o tempo de escrita dos fragmentos do que poderiam ser de um diário, no caso, dez dias e o tempo da estória do Perkins, 1923.

Já o romance *Nove noites* é composto por fragmentos de uma carta – em itálico – escrita, infere-se, pelo personagem Manoel Perna, e pela narração do narrador-personagem em busca das razões que levaram o jovem antropólogo americano Buell Quain a se suicidar no Brasil, no território dos índios Khraô em Tocantins. A composição da narrativa se dá através de dados reais provenientes de jornais e fotos que elucidam o narrador e, conseqüentemente, o leitor acerca da morte de Buell Quain.

---

dentro do texto, encenação da própria elaboração ficcional e o acúmulo e sobreposição de histórias – em ambas as obras.

Antes de morrer, o antropólogo escreveu sete cartas destinadas: a Ruth Benedict, orientadora de Quain da Universidade Columbia em Nova York; Dona Heloísa Alberto Torres, diretora do museu Nacional no Rio de Janeiro; Manoel Perna, engenheiro de Carolina de quem se tornara amigo; Capitão Ângelo Sampaio, delegado de polícia da cidade; uma para seu pai, Eric Quain; outra carta ao reverendo Thomas Young e, por último, ao cunhado Charles C. Kaiser. O narrador, assim, faz o trabalho de encontrar e desvendar essas cartas. Então, com o decorrer da história, começa a considerar a existência de uma oitava carta – “foi quando comecei a acalantar a suposição de que devia haver (ou ter havido) uma oitava carta.” (Carvalho, p.102, 2006). Curioso em demasia com o episódio da morte de Quain, o narrador-personagem busca ligações e cria várias elucubrações sobre o que levaria o suicídio e, se realmente fora suicídio. Dentre algumas hipóteses levantadas, podemos destacar duas: a sugestão de um incesto entre Quain e sua irmã, Marion, em que esse incesto provocaria sua morte por causa do cunhado – “Não deixa de ser um mistério que entre as sete cartas escritas por Quain nas horas que precederam o suicídio uma fosse endereçada ao cunhado.” (Carvalho, p.77, 2006) – ou suicídio motivado por um problema psicológico, podendo ser a bipolaridade, em que é possível inferir, primeiramente, pelo ar de mistério envolvido em uma das cartas de Quain, direcionada a Dona Heloísa, na qual o personagem afirma “os índios estão a salvo, pelo que fico muito feliz”. O narrador, então, questiona: “a salvo de quê? Ou de quem?” (Carvalho, p. 78, 2006). Até aqui pode haver inúmeras interpretações do que os índios estão a salvo, mas é a partir da página 101 que o leitor começa a pensar que os índios poderiam estar a salvo do próprio Buell Quain. Na passagem abaixo o narrador dá a entender que o Quain sofreria de Bipolaridade:

A saída de Buell Quain da aldeia pela última vez lembra uma fuga. (...) Se estava realmente louco, e a despeito do clichê psicológico, era então uma fuga de si mesmo, *do duplo que o mataria na eventualidade de uma nova crise*, que se aproximava. Deve ter sentido a iminência de uma nova crise e decidido ir embora antes que fosse tarde demais. Na solidão, vivia acompanhado dos seus fantasmas, via a si mesmo como a um *outro* de quem tentava se livrar (*grifo meu* CARVALHO, p. 101, 2006).

Apesar da presença da investigação incessante dos motivos que levaram o Quain ao suicídio, resultando numa narrativa com aspectos do romance policial<sup>105</sup>, pensamos que tanto *Nove noites* quanto *Os papéis do inglês*, de certa forma, não possuem como elemento principal o mistério do suicídio dos protagonistas. Antes disso, podemos afirmar que a própria construção da narrativa ocupa a maior parte dos livros. A partir disso, conclui-se que os dois romances consistem numa metanarrativa, visto que os autores-narradores-personagens – Termo usado por Moraes (2012a) – encenam o próprio processo de escrita.

A encenação da escrita consiste no mostrar o processo de escrita, enquanto a metanarrativa seria uma narrativa dentro da narrativa. Consideraremos aqui a encenação da escrita como um aspecto da metanarrativa. Em *Nove noites* é possível notar a presença dessas estratégias na passagem abaixo:

Nem como se fosse o antídoto à obsessão sem fundo e sem fim que me impedia de começar a escrever o meu suposto romance (o que eu havia dito a muita gente), que me deixava paralisado, com o medo de que a realidade seria sempre muito mais terrível e surpreendente do que eu podia imaginar e que só se revelaria quando já fosse tarde, com a pesquisa terminada e o livro publicado. Porque agora eu já estava disposto a fazer dela realmente uma ficção (CARVALHO, 2006, p. 141).

O autor-narrador-personagem, além de se reconhecer como próprio autor do livro, encena a elaboração da ficção. Do mesmo modo, Ruy Duarte de Carvalho se vale desse recurso metanarrativo e se autoficcionaliza:

Será da minha ação enquanto personagem, assim, que resulta essa outra estória que é, afinal, a da minha elaboração da própria estória do Galvão. Vou ter que *Contar-me*, tratar-me, pois, enquanto personagem dessa estória (CARVALHO, 2007, p. 36).

Essa estratégia não é inédita na escrita duartiana. No conto “As águas do Capembáua”, de 1977, vemos algo semelhante. O narrador anuncia que mostrará dois

---

<sup>105</sup>Esses aspectos policiais são recorrentes nas obras de Bernardo Carvalho: “Com extrema argúcia, Carvalho cria enredos que têm a complexidade das narrativas policiais, em que os detetives são personagens à procura de uma compreensão de sua identidade e, com frequência, de sua origem familiar, como em alguns enredos do americano Paul Auster, nos quais os personagens circulam numa intensa atividade interpretativa, que eles mesmos redefinem para tentar entender os acontecimentos, lendo a vida como se lessem um livro” (ERIK, Karl, 2009, p. 34).

testemunhos dos eventos retratados na narrativa<sup>106</sup> e, eventualmente, acrescentará dados ficcionais. Todavia, deixa claro que não objetiva fazer alterações graves dos relatos recolhidos. Com isso, é possível observar a estratégia composicional de encenar o próprio narrar, remetendo, assim como em *Os papéis do inglês*, para um aspecto metanarrativo:

Restar-me-á, assim, apresentar uma versão disciplinada dos relatos de R, introduzir aqui ou ali detalhes que me pareçam importantes para o enquadramento da acção mais evitando, sempre, refazer ou alterar a estória com vista à extração de um qualquer rendimento lírico ou dramático (CARVALHO, 2008, p. 24).

Da mesma forma que o romance de Ruy Duarte de Carvalho, *Nove noites* apresenta dois planos narrativos. O primeiro seria o plano em que o narrador narra sua busca por dados que montem o puzzle-Quain, enquanto o segundo seria a carta destinada, ao que parece, a um amigo do Quain. Nessa carta, o emissor expõe o que aconteceu nas nove noites que antecederam a morte do etnólogo, nas quais passou na companhia do mesmo.

Ao cotejarmos as obras, observamos, em termos de autoficção, um entrelaçamento da ficção e da realidade. Autores, personalidades e pesquisadores se tornam personagens nas narrativas. Observamos, assim, sujeitos não-ficcionais convivendo em um espaço ficcional. Como Levi-Strauss em *Nove noites*<sup>107</sup> e muitos em Ruy Duarte de Carvalho, como Alves Reis e Radcliff Brown<sup>108</sup>. Os mecanismos de escrita de ambos os autores incidem em uma ilusão

---

<sup>106</sup> Os eventos narrados se passam no sudoeste de Angola, envolvendo a seca prolongada, a morte de um líder dos pastores angolanos, o Luna, e a morte do sul-africano provocada por uma onça – animal raro na região. Tais acontecimentos incitaram a curiosidade do narrador, levando-o a investigar essa série de episódios por meio de dois relatos testemunhais, o do R. (a partir da página 23) e o do José, o capataz (a partir da página 55).

<sup>107</sup> “A mim, parecia improvável que, a despeito do que me dizia Castro Faria, Lévi-Strauss e Buell Quain não tivessem estabelecido algum vínculo nessa ocasião, uma vez que ficaram hospedados no mesmo hotel” (CARVALHO, p. 35, 2006).

<sup>108</sup> Selecionei aqui algumas passagens para exemplificar os sujeitos não-ficcionais ficcionalizados e percebemos que o autor estabeleceu relações entre eles e os personagens “propriamente ditos”. Nesta citação vemos o antropólogo Radcliff-Brown em contato com Archibald Perkins: “Enquanto estudante Radcliff-Brown fora muito devotado às ideias de Kropotkin, o que contou para o bom entendimento entre ele e Perkins quando se encontraram pela primeira vez” (CARVALHO, p. 48, 2007). Da mesma forma ocorre com Alves dos Reis e o Belga: “O Belga, na minha versão da estória, não só sai desse mundo e vem ao Kwando para actuar em conformidade. Está ali na sequência de uma movimentação que tem o seu início numa conversa havida entre ele e esse mesmo *Alves dos Reis*, em Moçâmedes” (*grifo do autor*. CARVALHO, p. 63, 2007).

do efeito de realidade<sup>109</sup>. Segundo o escritor angolano, a encenação da escrita seria uma estratégia da autoficção:

Autoficção é... uma modalidade literária que ... recorre à ficcionalização da vida pessoal do autor. Enquanto o texto ... autobiográfico tenderia a tratar acontecimentos pessoais a coberto de personagens fictícias, a autoficção faria viver acontecimentos fictícios, 'ou pelo menos fantasmados', por personagens reais. Passagem do aspecto estático ao aspecto dinâmico da ficção. Em lugar de representação, apresentação. Quer dizer, se bem entendo, fidelidade ao presente, mais que ao passado. E presente é a obra, o texto a não tratar senão de si mesmo, 'narrando as condições da sua própria elaboração', exibindo a sua própria dissecação (Ruy Duarte de Carvalho in Miceli, p. 91).

Kingler (2012, p. 51) afirma que a autoficção se assemelha à *performance*, entendida como o que “deixaria ver o *caráter teatralizado* da construção da imagem de autor” (Kingler, 2012, p. 50), visto que os dois conceitos manifestam uma escrita em construção (*Work in progress*), “como se o leitor assistisse ‘ao vivo’ ao processo de escrita” (*Ibidem*). A encenação da escrita, portanto, seria correspondente, de certa forma, ao *work in progress*, já que o leitor acompanha o progresso da escrita do autor-narrador.

É válido notar, ainda, em consonância com Moraes (2012b), que a escrita desse escritor angolano está permeada, principalmente em *Os papéis do inglês*, de encontros. Além do encontro do inglês e do Ganguela representado através da música, é possível observar o empenho de Ruy Duarte de Carvalho em buscar ligações e estabelecer encontros com pessoas ou personagens, que viveram, ou não, na mesma época. Um exemplo de um encontro estabelecido pelo autor está entre as páginas 65 e 71, em que há uma ligação entre o belga da estória de Henrique Galvão e Alves dos Reis, famoso falsário português. Os fatores escolhidos por Ruy Duarte de Carvalho para uni-los foram os interesses de ambos e a equivalência da época em que viveram.

A coincidência/encontro está presente de forma significativa nas obras do escritor angolano. Como o narrador e o R no conto “As águas do Capembáua”, em que se encontram

---

<sup>109</sup> Colocação embasada na fala da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anita Martins de Moraes, a qual afirma que a presença ostensiva de outros textos e referências provoca uma ilusão de acesso à realidade. A comunicação intitulada “Repensando a *mimesis*: realidade e discurso na trilogia *Os filhos de Próspero*” foi apresentada no colóquio *Diálogos com Ruy Duarte de Carvalho*, em Lisboa. Áudio disponível em: <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/dialogos-com-ruy-duarte-de-carvalho-painel-ii>.



ao acaso, justamente no momento o qual o narrador estava interessado no caso ocorrido naquela região de Angola. O acaso e a coincidência aqui seriam, de certa forma, motivados. O próprio autor afirma que não existiria o acaso:

E quis o acaso (mas nada acontece por acaso, diz o meu amigo Dante) que ao retomar as minhas funções de regente agrícola viesse a ser colocado na fazenda que R tão intempestivamente abandonara, lugar deixado vago, outra vez, pela saída do Miguel, que sucedera a R e me tinha fornecido a primeira versão da estória” (CARVALHO, p. 48 e 49, 2008).

Além disso, mais uma coincidência – voltar a trabalhar como regente agrícola – leva o narrador para o mesmo local: “Não podia suspeitar, à data destas minhas conjecturas, vir um dia a encontrar R em Londres, e vir viver depois no próprio local em que a estória se desenrolou e estou a escrevê-la agora” (Carvalho, p. 21, 2008).

Vemos, então, a recorrência de casos de pessoas com tanto em comum que de repente se encontram. Apesar de não ser tão empenhado em traçar coincidências como Ruy Duarte de Carvalho, Bernardo Carvalho assume um interesse semelhante pelos encontros. Como podemos visualizar em *Nove noites*, em que o antropólogo Lévi-Strauss se hospeda no mesmo hotel que o Buell Quain (Carvalho, 2006, p. 35). No trecho a seguir, o escritor-autor-narrador elenca alguns eventos que coincidiram com a data da morte do personagem principal:

Buell Quain se matou na noite de 2 de Agosto de 1939 – no mesmo dia em que Albert Einstein enviou ao presidente Roosevelt a carta histórica em que alertava sobre a possibilidade da bomba atômica, três semanas antes da assinatura do pacto de não-agressão entre Hitler e Stalin, o sinal verde para o início da Segunda Guerra e, para muitos, uma das maiores desilusões políticas do século XX. Topei com uma referência à carta de Einstein, por mera *coincidência*, logo que comecei a vasculhar a morte de Quain (*grifo meu*. CARVALHO, 2006, p. 12).

Os encontros que promovem a coincidência e os encontros entre sociedades ocidentais e não-ocidentais parecem consistir num projeto de escrita duartiana, além de permearem as narrativas aqui estudadas. A proposição de Ruy Duarte de Carvalho em estabelecer diálogos, juntamente com a de Bernardo Carvalho, nos direciona a pensar a relevância do movimento comparatista Angola X Brasil.

## Conclusão

A relação que o romance *Os papéis do inglês* estabelece com *Nove noites* representaria, portanto, como pretendemos propor, uma “submoldura interidentitária”. Vemos, a partir dessas obras, que os estudos dessa submoldura podem ser produtivos e precisam de devida atenção. Tantos aspectos similares – autoficção, encenação da escrita, encontros – permitem um vasto estudo comparativo dessas obras. Sugerimos aqui, dessa forma, que nos atentemos para outras comparações de movimento sul de África e Sul da América, para refletir, além do passado colonial comum, as estratégias de composição da narrativa, bem como identificar o espaço geográfico do “outro”, como diz Ruy Duarte de Carvalho (2008), enquanto ele ainda existe.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. A ficção hesitante (Resenha de *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho). In *Folha de São Paulo*, 06 de janeiro de 2001.

\_\_\_\_\_. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. As águas do Capembáua. In: *Como se o mundo não tivesse Leste*. Lisboa: Cotovia, Casa das Áfricas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo de ouvir o ‘outro’ enquanto o “outro” existe, antes que haja só o outro... ou pré-manifesto neo-animista* in *Podemos viver sem o outro?*. Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

\_\_\_\_\_. *Desmedida*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

CHAVES, Rita. “A desmedida de Ruy Duarte de Carvalho: a viagem como síntese e invenção”. In LEITE, Ana Mafalda; OWEN, Hilary; CHAVES, Rita; APA, Livia (Org) *Nação e Narrativa Pós-Colonial*. Lisboa: Edições Colibri: 2012.

KINGLER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MACÊDO, Tania & CHAVES, Rita. *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Angola*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.



MELO, Alfredo Cesar. “Por um comparativismo do pobre: notas para um programa de estudos”. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.23, 2013.

MICELI, Sonia. *Contar para vivê-lo, viver para cumpri-lo: autocolocação e construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Lisboa, 2011; orientação de Clara Rowland.

\_\_\_\_\_. *Poetry, Criticism and Autofiction: Sophia de Mello Breyner Andresen and Ruy Duarte de Carvalho*. IAFA/CES/CLWS 2013

MORAES, A. M. R. “Ficção e etnografia: o problema da representação em *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho, e *Nove noites*, de Bernardo Carvalho”. *Revista Via Atlântica (USP)*, v. 21, p. 155-172, 2012a.

\_\_\_\_\_. Rosa lido por africanos: impactos da ficção rosiana nas literaturas de Angola e Moçambique. In: BORGES, Telma; FIGUEIREDO, Fábio; GOULART, Patrícia. (Org.). *Ser tão João*. São Paulo: Annablume; Montes Claros: FAPEMIG, v. 1, p. 29-45, 2012b.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.